

## Bruno de Menezes \*

Alonso Rocha

Aos dois de julho de 1963, a capital paraense, pela boca dos rádios, recebia a dolorosa informação.

Nas rodas literárias, nas mesas dos bares, à porta das fábricas e das lojas, nos elegantes palacetes e nos casebres suburbanos, escorria viscosa a infausta notícia: Bruno de Menezes, o poeta amorável, havia partido para a eternidade.

Na cidade de Manaus, ao término do festival folclórico, onde recebera as homenagens do povo e dos homens de letras a seu talento multifário, desaparecia do convívio terreno, um dos mais rutilantes filhos da planície amazônica, cujo sereno humanismo, densa experiência comunicativa e extraordinária sensibilidade poética tornaram-no um líder incontestável de uma geração.

**BRUNO BENTO DE MENEZES COSTA**, filho do pedreiro cearense Dionízio Cavalcante de Menezes e Maria Balbina da Conceição Menezes, não esperou que se completasse o ciclo gestacional e abandonou o ventre materno aos sete meses, sem assistência médica, a 21 de março de 1894.

A infância passou-a na estância coletiva "A Jaqueira", Jurunas, livre e solto, admirando os seus valentes desordeiros, os capoeiras, os manejadores de navalha, os embarcações, as mulatas carnudas e frescalantes; acompanhando nos ombros largos de seu pai o Círio de Nazaré, gola azul, gorro de marinheiro de fitas pretas e letras douradas; pisoteando, adolescente, nas saídas festivas de Boi-Bumbá de seu padrinho Miguel Arcanjo, sob os olhares carinhosos de sua mãe Balbina e a proteção de João Golemada, maranhense valente na defesa de seu bando, quando a polícia ainda não havia proibido os "bois" saírem de seus currais para os tradicionais encontros.

Levado pelas mãos de dona Binca, freqüentava a antiga Igreja dos Capuchinhos, onde aprendeu a rezar.

Mão ardendo dos bolos da palmatória da professora Gregória Leão de Matos, cuja escola particular ficava vizinha à estância "Jaqueira" e posteriormente, no Grupo Escolar José Veríssimo, onde terminou o curso primário, Bruno de Menezes recebia o sinete que viria marcar a emotividade pictural de sua obra e a autenticidade de sua poesia musical e comunicativa.

Pobre, paupérrimo, mesmo, trabalhou Bruno como aprendiz de gráfico na Livraria Moderna, de Sabino Silva, onde, como de praxe àquela época, sofria vexatórios castigos impostos por Manoel Costa.

Semi-operário afeito às artes de oficina, passou-se para a Livraria Gillet e já na qualidade de mestre,

prestou serviços na Livraria Bittencourt.

É uma das fases críticas de sua vida, espoliado, humilhado, Bruno revolta-se contra o desumano regime capitalista e torna-se prosélito da doutrina anarquista, influenciado por leituras de Blasco Ibanez, Friedrich Engels, Gorki, Tolstói e Karl Marx.

Tendo sido o anarquismo o inspirador de ardorosos militantes do sindicalismo, Bruno abandona a profissão e, ligado a um grupo de proletários mais ou menos emancipados, dedica-se ao ensino das primeiras letras na Escola Francisco Ferrer fundada pela Federação das Classes Trabalhadoras.

Daí a sua atividade constante e fervorosa na imprensa reivindicadora. "O Semeador", "O Correio de Belém", "O Combate", "Jornal Pequeno", "Voz do Trabalhador", e "Jornal do Povo" estampavam em suas edições, cadentes artigos sob a assinatura do moço idealista que realizava, também, conferências nos sindicatos sobre temas de educação e politização operária.

É de 1913 sua estréia como poeta "O Operário", soneto parnasiano, publicado no "Martelo".

Sua luta, avançada para a época, custou-lhe sacrifícios e amarguras, porém sua palavra ardente e oracular, despertava as massas assalariadas.

Trechos de vários trabalhos publicados nos jornais, documentam seu pensamento de lutador:

"Trabalhadores, homens de mãos calosas (escrevia Bruno) componentes do proviléo e da plebe — a única arma para as vossas reivindicações é o sindicalismo."

E, novo profeta, pregava a união das classes obreiras:

"A coesão, una é indispensável nos espíritos das classes trabalhadoras é a melhor arma de combate contra as convenções sociais, as especulações burguesas, a ganância patronal."

E, dogmático, insistia:

"Necessário se torna que o homem trabalhador erga a espécie, humanize o seu ser, levante o irmão que cai, torne-se invencível pela unidade da classe."

E, como iluminado precursor da dialética sindicalista de nossos dias:

"A questão é estudar o problema que temos em nossa frente. Abdicamos os pequenos agrupamentos em favor da reunião forte e unida dos sindicatos, que é fazermos verdadeiras assembléias associativas."

Como os prepotentes policiais, os retrógrados capitalistas exploradores do meio operário de 15 lustros atrás, não devem ter caluniado e perseguido o estudan-

te visionário que reclamava uma jornada de trabalho mais humana. Ouçamo-lo:

“Por que não oito horas?”

Para o ouvido propositalmente mouco do patrono objeto, são frases que lhe ferem o tímpano.

Sim! São necessárias oito horas para o bem comum do proletário, da saúde e do progresso da humanidade.

Bruno de Menezes, platonicamente revoltado, doutrina os seus companheiros trabalhadores para que ingressassem nos sindicatos, não por apenas utilitarismo imediatista, exigência do estômago ou por simples aumento de salário, porém conclamando que cultivassem “o verdadeiro espírito de conagração, a consciência da resistência coletiva, o sentimento da união incondicional, da fraternidade humana”.

No líder revolucionário da mocidade a experiência cristalizou um socialismo humanista surgindo à feição, para Bruno o sistema cooperativista, cujos “princípios de fraternidade, defesa social e econômica, sem domínio de elites, nem de raças”, condizia com sua “crença visionária de que a família humana há de ter o seu outro Eden”.

“Solilóquio de um prosélito”, soneto tantas vezes publicado nos periódicos da época, é um retrato do coração do poeta:

“Quis o bem para os homens. Fui ao meio da humana prole, da faminta grey,  
Pastor de idéias novas, com que anseio e solidariedade então preguei.

Amando-os como a irmãos, ergui o esteio de um lar cosmopolita e os amparei  
Esperando outro pago, este me veio dentro do próprio ideal que entresonhei.

Lucta improfícua a de ensinar aos povos a perfeita consciência de uma causa,  
o emancipado fim dos sonhos novos.

Não renuncio! O ideal meu ser embede!  
Quero é que os corações sintam, sem pausa, o verdadeiro bem estar da plebe!”

Entretanto, Bruno não era apenas o doutrinário; as páginas das revistas humorísticas, “O Martelo”, “O Mondrongo”, “A Farpa” estão repletas da verve sarcástica de Karolo e João Bocó, seus pseudônimos:

“As donzelas de hoje em dia estremeçam em alegria ao ver o marido entrar no alvo leito do noivado

E lhe dizem — terno amado mostra que és o meu esposo

pois só pensa neste gozo moça quando vai casar.

Por'isso ao vê-las murmuro:  
estas jovens que acanhadas parecem ruborizadas,  
trazem no sangue um vulcão.

Mas fingindo arcanjo puro uma tímida disfarça...  
E para findar a farça — tem flores brancas na mão.”

O “Pebol” jornal “literário, crítico e esportivo”, onde atuavam como redatores Alcebíades Maia e Luiz Gomes sob a direção do próprio Bruno, dá-nos notícia em sua edição de 4 de janeiro de 1920, de uma outra faceta da vida multifária de seu antecessor neste silogeu. Publica o retrato do bardo sob, a seguinte legenda:

“Bruno de Menezes, pebolista, há muito afastado das lides esportivas, foi um dos bons elementos do Guarany F. B. C., o qual capitaneou por algum tempo, na difícil posição de chefe de esquadra.”

O diretor de nossa Biblioteca e Arquivo Público, o brilhante e saudoso historiador Ernesto Cruz, a que Bruno substituiu na presidência desta Academia e foi por ele posteriormente substituído, informou-me que o poeta era conhecido nas rodas esportivas sob o apelido de Bento.

Agrupando estudantes e assalariados, notadamente gráficos, com inclinação para as artes floresceu naquele ano de 1920, a “associação dos estreantes” deno-minação logo depois mudada para “Associação dos Novos.”

Iniciantes e estusiasmistas da literatura, da música e da pintura — representando a novíssima geração — Bruno de Menezes, Rocha Júnior (meu pai), Ernani Vieira, De Campos Ribeiro, Paulo de Oliveira, Mário Platilha, Farias Gomes, Clóvis de Gusmão, Wladimir Emanuel, Wenceslau Costa, Sandoval Lage, Lindolfo Mesquita, Jacques Flôres, Gabriel Lage e tantos outros ali tiveram os seus dias de idealismo, sob o incentivo da imprensa.

Anteriormente, Bruno fazia parte da Academia dos Poetas Paraenses, de efêmera duração e que se reunia na casa de Lucilo Fender na travessa 14 de Abril, nos idos de 1916.

A geração de Bruno, com algumas exceções, por suas condições financeiras e sociais, não pudera frequentar os ginásios, a Faculdade de Direito, a Escola de Odontologia, a Faculdade Livre de Medicina, onde o ingresso era facilitado aos possuidores de recursos.

O Peixe-Frito foi o seu símbolo. Pelos botecos do Ver-o-Peso, “abastecendo-se” de postas de 200 réis, farinha d'água de 10 tostões o litro e cachaça de 500 réis a dose, o grupo boêmio e sonhador — Abguar Bas-

tos, Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro, Jacques Flôres, Nuno Vieira, Muniz Barreto, Sandoval Lage, Clóvis de Gusmão, Orlando de Moraes, Lindolfo Mesquita, Ribeiro de Castro, Rodrigues Pinagé e Bruno — debatia literatura e equacionava revoluções, captando a simpatia do povo, nos bares e cafés, nas festanças no Umarizal e outros subúrbios onde se tornavam reis, como oradores e poetas.

Antônio Tavernard, confinado aos 18 anos no “Rancho Fundo” e Ernani Vieira — o extraordinário aedo — ambos estigmatizados por dolorosa enfermidade, também estavam ligados ao grupo, embora não participassem das pândegas notadas dos inveterados sonhadores.

A “garage” do Clube do Remo foi também uma ilha de paz, o abrigo discreto, para incontáveis peixadas e para a confraternização da nobre e liberal geração do peixe-frito.

Com Eustachio de Azevedo, Batista Moreira e Régimo Fernandez, no “City Clube”, nos bares “Pilsen”, “Paraense”, “Leão da América”, “Flor de maio” e no “Barbinha”, alimentavam uma boemia que se eclipsava.

O ano de 1920 marcou definitivamente o poeta; dois acontecimentos importantes ocorreram em sua vida: um de natureza literária — a publicação de seu modesto opúsculo “Crucifixo” ; outro de origem sentimental: a chegada do amor.

Em uma festa na rua São Mateus (hoje Padre Eutíquio) em casa do maçom Joaquim Maia (que o ajudou na publicação do livro), Bruno conheceu a jovem professora Francisca Sales Santos, que ali fora declarar uns versos de Olegário Mariano; o encontro casual daquela noite acendeu no coração do vate a chama do verdadeiro amor.

A 16 de julho do ano seguinte, o jovem par recebeu a bênção nupcial.

A essa sublime e heróica mulher, a sua amorosa ajuda, sua tolerante compreensão, deve o poeta boêmio, em grande parte, a realização de sua vida intelectual e, sobretudo, a suprema fortuna de ter legado à sociedade o exemplo de uma família modelarmente cristã e de inabalável conceito moral.

O monsenhor Geraldo, a irmã Marília, o magistrado Stélio, o médico José Haroldo, as inteligentes e bondosas Maria Ruth, Maria de Belém e Lenora, são os frutos generosos da “árvore-mater da geração dos Menezes”.

“Crucifixo”, livro de estréia, composto e impresso nas oficinas da Livraria Moderna, em dezembro de 1920, pelo próprio autor e seu amigo Jacques Flôres, foi o primeiro trabalho concreto da imprensa operária que tanto sonhou.

Embora cercado pela simpatia da roda literária que Bruno freqüentava, a coletânea de versos parnasianos não mereceu destaque; já revelara, no entanto, o promissor talento do bardo adolescente.

“O Divino Sudário” é um belo exemplo:

Minha mãe, as mulheres, os plebeus,  
não sabem quantas “sete quedas”, eu  
venho caindo dês que os olhos teus  
são para mim querido pharyseu.

Só o mundo espiritual, sabe que o meu  
julgamento é delícia para um Deus...  
Golgotha, sê mais longe! Cyrineu,  
deixa, que é minha cruz; — volta aos judeus!

Se venho suando sangue, e sinto espinhos  
coroando-me, — Verônica, não passa  
em meu rosto o sudário: — há outros caminhos...

Deixe que minha mãe abra o seu peito  
e, sobre o Coração, cheia de graça,  
grave a cabeça de seu Filho Eleito.

Mas, árduos e difíceis continuavam os primeiros anos de sua vida de casado; trabalhava na revisão da “Folha do Norte”, onde chegou a chefe de turma e na redação de “A Semana”, no tempo de Manoel Lobato e Alcides Santos.

Para minorar as dificuldades financeiras, sua dedicada esposa — a paciente Francisquinha — costumava carinhosamente os livros que Bruno levava para paginar e encadernar em casa.

O poeta em sua caminhada literária nos tempos românticos de serenatas e recitações à luz da lua, de madrigais adocicados acrósticos às moçoilas suburbanas, freqüentava assiduamente as tertúlias de Lucilo Fender, Olívio Raiol, Rodrigues Pinagé, Eduardo Filho e Guilherme Miranda.

Coube ao laureado bacharel José Leoni, admirador de Mallarmé, Verlaine, Raïnbaud, Antônio Nobre, Eugênio de Castro, Alphonsus de Guimarães e Cruz e Souza, a contaminação de Bruno de Menezes do vírus simbolista “tonificação restauradora da crise lírica” que o possuía.

Em 1923, quando já lhe nascia a segunda descendente — Maria Ruth — o grande amigo do poeta, seu compadre e acadêmico Apolinário Moreira, padrinho de Geraldo — o primogênito — o levou para trabalhar no Tesouro do Estado, com ordenamento mensal de 200 mil réis.

Na Secretaria da Fazenda foi escalando os postos superiores até alcançar a posição de oficial do Imposto Territorial, quando era governo do dr. Souza Castro.

“Belém-Nova” revista lançada a 15 de setembro de 1923 e que marcou época, apontando novos rumos à literatura planicitária, era de idealização de Bruno e, sob sua direção, fez eco em nossa terra do movimento literário de vanguarda que empolgava o Brasil; eram seus companheiros de redação Edgar Franco, Alfredo

de Souza e Manuel Malhado. Aliás, Belém, no registro de Joaquim Inojosa, foi a terceira capital brasileira a aderir ao movimento.

Com a colaboração de Apolinário Moreira, seu constante protetor, e a quem dedica o livro, Bruno lança ao público "Bailado Lunar", em março de 1924, edição das oficinas gráficas do Instituto Lauro Sodré, onde também era impressa a revista "Belém-Nova".

Um almoço de vinte talheres em casa de Paulo Oliveira, comemorou o acontecimento.

"Cópia é natureza morta". "A poesia de agora é mais sugestão que expressão".

"Sugerir é o inverso de dizer tudo, abertamente", advertia aos leitores na apresentação de seus versos.

"É de uma escandalosa simplicidade", afirmava Austro Costa nas folhas de "A Pihéria" de Recife.

"É o poeta das vagas e fugitivas sensibilidades. Todas as sombras e todas as atitudes da vida banal se transformam, dentro de sua estesia, em motivos de emoção e de sentimento", asseverava nas páginas de "A República" o saudoso mestre e mavioso bardo Remígio Fernandez.

Clóvis de Gusmão, pelas colunas de "O Estado do Pará" escrevia: "Bailado Lunar" vale pois, pela afirmação incontestada de talento, e pela vitória insofismável de um estro de fúlgidas cintilâncias".

Mário de Andrade — O papa do Modernismo — Raul Bopp, Tasso da Silveira, Lucilo Fender, Paulo de Oliveira, Farias Gama, De Campos Ribeiro, Wenceslau Costa, Jacques Flôres, José Carvalho, Assis Garrido, Jonathas Baptista, Joaquim Inojosa, e muitos outros aplaudiram o novo trabalho do poeta paraense que se projetava no cenário intelectual brasileiro, como um dos renovadores da poesia nacional, aderindo ao movimento liderado por Graça Aranha.

Nesse livro a palavra-tema "lua" que seria uma das constantes da obra poética de Bruno, faz a sua estreia e é mencionada onze (11) vezes na obra.

Digno de realce o singelo poema:

### DESILUSÃO

Fizeste um barquinho de papel  
As ondas vêm, o vento passa,  
a espuma em rendas se desfaz...  
E preso à ponta de um cordel  
teu barco oscila... põe fumaça...

Então, melhor, te alegre e apraz  
desatracares o barquinho.

Contas o fio... ele se afasta...  
E eis que vem um vortilhão marinho  
para o alto mar o impele, o arrasta,  
e lá naufraga o teu batel.

Cortaste o fio... Ai do barquinho de papel...

O poema "Chapeleirinha" trai o seu amor pelas causas dos trabalhadores:

"... Trabalham tanto as chapeleirinhas, pobrezinhas,  
sangram os dedos, cansam a vista  
à luz do dia, à luz das lâmpadas cegantes..."

Em 1931, mês de julho, Bruno enriquecia as letras brasileiras com "Poesia". Impresso na tipografia Guará da firma Pires Guerreiro & Cia. Contém as melhores composições de "Crucifixo", "Bailado Lunar" e "55 novos poemas, dez dos quais farão parte, posteriormente, do volume "Batuque", livro que o consagra.

"Pastoral", poema incluído na coletânea, revela outra face de Bruno, geralmente impercebida: a religiosa.

### PASTORAL

Excelsa estrela, que me foste guia,  
em luminosas noites de Natal,  
com que inocente e cândida alegria

em céus de nuvens de papel de cor,  
eu fiz de tua luz o meu fanal,  
num sonho de Rei Mago e de Pastor.

Na simplicidade de sua boemia, no aparente ecletismo religioso, Bruno escondia uma alma profundamente reverente ao cristianismo. Sua poesia, suas crônicas reminiscentes, estão densamente impregnadas de catolicismo.

É Bruno quem confessa em artigo publicado na mocidade, sob o pseudônimo de Birilo Marques:

"Parece que minha mãe, quando eu nasci, entregou o meu destino à proteção da Virgem Maria. Em maio, toda a vez que tenho que entrar num templo eu me transfiguro. Maio é o mês que eu deveria ter nascido. Não posso ouvir novenários sem me enternecer. Eu sinto que a partícula feminina de minha alma reza estes versos que eu amo:

"Maio foi sempre o mês dos luares lindos,  
da Virgem Mãe e alegres esponsaes.  
Mês dos lírios seráficos — provindos  
do vale da Alma, para as Catedraes.

Pudesse eu ir, ao luar, entre rosas  
banhar meus olhos, — que são sóes infindos —  
nas orações piedosas dos missaes,  
emantários de luz, às mãos benvindos.

Eu tenho qualquer coisa de anjo místico ...  
No meu ser há um dualismo e ânsia cristã:  
branco sonho de amor, doce e eucarístico.

Por isso, em maio, eu sinto-me de luz:  
Minha Alma, Filha de Maria — é irmã  
do Coração Sagrado de Jesus.”

“Rosa Mística” publicado em 1922 na revista de N. S. De Nazaré e “Louvor a São Caetano da Divina Providência” são dois exemplos marcantes de sua fé.

Com as iniciais B. M., tecendo considerações sobre o Círio, na revista “O arraial” escrevia Bruno:

“Nada mais puro que a religião católica, onde a caridade, o amor e a justiça, são o apanágio virtuoso aos que a professam.”

Ainda, segundo registro do jornal “O Nordeste” de Fortaleza, datado de 13 de dezembro de 1952, Bruno publicou um folheto intitulado “Ligeiras notas sobre a vida de São Bruno”.

Estudando o emprego das palavras nas poesias de Bruno publicadas em livro, anotei o termo “cruz” utilizado 22 vezes pelo poeta, “Jesus” 11 vezes, “Deus” 8, “Crucifixo” 6, “Cristo” 5, “Hóstia” 5, “Calvário” 4, “Anjo” 7 e ainda “Supremo Criador”, “Madeiro”, “Lenho”, “Arcanjo”, Sagrado Coração, Monje e Freira, o que denota profundas raízes de sua indelével religiosidade.

“À margem do Cuia-Pitinga”, ensaio sobre a obra de Jacques Flôres, escrito em 1936 e publicado no ano seguinte, é um brado de indignação contra a “boycotage organizada para não vingarem os escritores que não são camelots” no dizer do seu autor.

Confessa Bruno em entrevista publicada em “Terra Imatura”:

“Escrevi este ensaio revoltado com o clima intelectual do Pará que se desinteressava pelos livros como o de Jacques Flôres. É um livro de rebeldia contra o ambiente. O público não quer conhecer os nossos trabalhos”.

Nem a Academia Paraense de Letras e até mesmo Olavo Nunes de quem, mais tarde, seria sucessor, escapou da crítica, no livro:

“Olavo Nunes, que pulsou em “Musa Vadia” a sua ironia e o seu rimário terso, é outro que a Academia mumificou, e de quem, a não ser um “discursozinho” na recepção de colegas, não mais tivemos notícia de sua rica e opulenta inspiração.”

“À margem do Cuia-Pitinga” vale como depoimento e uma análise, sob o ponto de vista dos novos, do movimento intelectual da época.

Entretanto, a Academia não poderia continuar ignorando os “versos másculos de Bruno de Menezes, o mais perfeito poeta da nova geração na opinião de Lucilo Fender e, aos 3 de maio de 1942 o elege para a cadei-

ra nº 32 patrocinada por Natividade Lima.

Sua posse, somente foi realizada dois anos após, a 30 de maio de 1944, tendo sido saudado pelo acadêmico Osvaldo Viana, no salão de honra da Escola Normal cedido pelo Governo do Estado.

Vejamos como o agressivo ensaísta de “À margem do Cuia-Pitinga” justificou seu ingresso nesse silogeu;

“Já se disse haver um espírito antiacadêmico nacional não obstante ser a Academia a etapa final da vida literária. É uma dessas maratonas que alguns dão tudo para transpor a última barreira.

Pra ser sincero (mais uma confissão) entrei para a Academia porque, diziam alguns amigos, dela não poderiam ficar fora o meu “Pae João” e da minha “Mãe Preta”. Depois por estratégia de meu bloco (não carnavalesco) eu deveria abrir a porta para os outros irem entrando” .

A atividade de Bruno, como acadêmico, foi das mais fecundas e glorificantes para o nosso silogeu; presidiu os seus destinos de maio de 1956 a maio de 1957 e participou de diversas diretorias.

Seu nome, atravessando fronteiras, tornou sua presença necessária nas festas de espírito. Representou o Pará em Goiânia (1954) no Congresso de Escritores, participou de jornadas e congressos folclóricos em São Paulo (1954), Salvador (1957), Natal (1957), Bragança (1958), Porto Alegre (1959) e Manaus (1961 e 63).

Ao lado de Ernesto Cruz, João Rodrigues Viana, Augusto Meira Filho e outros valores da nossa terra fez parte da comissão do “Centenário de Lauro Sodré”, cujo monumento no largo de São Braz, ostenta uma placa registrando o acontecimento.

Era assim Bruno de Menezes, uma ponte a ligar a terra paraense, suas festas, crenças, danças, superstições e costumes a outros centros de cultura.

Constantemente voltado para o povo, seus problemas, festejos e folguedos, tornou-se um estudioso do folclore, sendo razoável a sua contribuição para o teatro popular; escreveu peças juninas para o grupo “Pirapema” de Manoel Cantanhede e Raimundo Santos; trabalhos esses musicados pelos professores Juventino Leão, Pinto de Almeida e Raimundo Trindade:

“Ilha dos Amores” (1944), “Retumbão de Geneveva” (1945), “Flores das Águas” (1946) e “Casa de Nhá Maroca” (1947); também o ato cômico “São João na roça”, em 1947.

Com seus conhecimentos demológicos, ajudou os blocos carnavalescos “Os pavulage de Marintea”, “A Boiúna” e o “Não posso me amafolia” .

Na “Boiúna”, em 1933, dançando e cantando, numa autêntica sessão de pajelância, Bruno encarnava o “Boto Tucuxi”, ao lado de De Campos Ribeiro como “Pena Amarela”, Paulo de Oliveira o “Jacundá”, Jacques Flores o “Mestre Desidério” e tantos outros brincantes da velha guarda.

“Batuque”, coletânea de poemas afro-brasileiros, na sua maioria já incluídos no livro “Poesia” foi sua obra mais significativa; aclamada pela crítica nacional e estrangeira, atingindo 5 edições imediatamente esgotadas, conquistou o prêmio do Governo do Estado em 1954.

Reconhecido como um dos mais autênticos criadores da poesia negra no continente americano, o nome já consagrado de Bruno de Menezes alça vôo para a Europa.

Em Paris, na cidade universitária, na Sociedade Africana de Cultura, na Biblioteca espanhola, “Mãe Preta” e “Toiá Verequête”, declamados por Helia, filha do escritor mexicano Martin Casanovas, arrancam calorosos aplausos.

Pela correspondência particular de Bruno de Menezes, pode-se acompanhar a trajetória luminosa de “Toiá Verequête” pela Espanha, Iugoslávia, Hungria Tchecoslováquia, República Democrática Alemã e União Soviética.

“É a primeira vez que por esses países se dá a conhecer poesia e canção latino-americana de raízes negras e desperta verdadeiro interesse”, escreve de Paris, o folclorista mexicano.

“Toiá Verequête”, “Mãe Preta”, “Pae João”, “Liamba”, “Mastro do Divino”, “Oração da Cabra Preta”, “Louvação do Cavaleiro Jorge e “Marujada” são páginas de “sentimental africanismo” e sugestivos retratos de tradicionais festas populares.

Alguns desses poemas foram musicados pelos compositores Waldemar Henrique, Gentil Puget e Juventino Coutinho.

### “TOIÁ VEREQUÊTE”

Ouçamos:

A voz de Ambrosina em “estado de santo”  
virou masculina.  
O corpo tomou jeito de homem mesmo.

Pediu um charuto dos puro Baía  
depois acendeu soprando a fumaça.

Seus olhos brilharam.  
Aí o “terreiro” num gira girando  
entrou na tirada cantada do “ponto”.  
Era a “obrigação” de Mãe Ambrosina  
falando quimbundo na língua de Mina.

“Toiá Verequête”  
“Toiá Verequête”

O Santo dos pretos e São Benedito  
tomou logo conta de Mãe Ambrosina  
fez do corpo dela o que queria.

Então todo “filho de santo” escutou.  
E pai Verequête falou como um príncipe  
da terra africana que o branco assaltou.

Ele tinha sofrido chicote no tronco  
mais tarde foi amo criando menino  
e nunca odiava sabia sofrer.  
Até nem comia pra dar seu quinhão  
a quem ele via com fome demais.

“Toiá Verequête”  
“Toiá Verequête”

E todos vieram pedir sua bênção  
beijando o rosário de contas e “lágrimas”  
que a muito foi dado por Mãe Ambrosina  
a “mãe do terreiro”.

Até que uma “feita” se pôs a chorar  
pedindo perdão tremendo na fala  
porque não cumprira com o voto sagrado.

Então “Verequête” lhe pôs a mão santa  
sobre a carapinha cheirando a mutamba

“Toiá Verequête”

A mãe Ambrosina  
enquanto os forçados mulatos suados  
malhavam no “ié” no “rum” no “rumpi”  
foi se retirando num passo de imagem  
até que sumiu no fim do “pegi”.

Martin Casanovas em artigo escrito em Paris em 1962 afirmava:

“Em toda a América Latina a poesia negra possui muitos cultores; mas a poesia do autor de “Batuque”, é a que melhor e mais claramente nos transmite o que é o negro e o que ele representa na América e para a América”.

Novela impressionista, de inspiração fialhesca, já publicada na revista “Belém-Nova” de janeiro a março de 1924, “Maria Dagmar” resurge em 1950, ampliada e refundida, em modesta brochura, edição de Getúlio Costa do Rio de Janeiro.

Aborda o velho tema social: a prostituição; e como a mesma carinhosa preocupação, Bruno retrata a pobreza, seus sofrimentos e misérias.

Grávida, Maria Dagmar experimenta sobressaltos: “se o parto fosse difícil? Vem-lhe à mente uma parturiente, nos seus tempos de donzela, que morrera com a criança atravessada. Outra que fora preciso tirar o filho aos pedaços, para salvá-la, e que depois pegara tal magreza, que acabara tuberculosa. Isto as que se recolhiam às Maternidades. E as que se entregavam às parteiras e às “comadres”, que tinham as dores lavando roupa na beira das tinas? Algumas que nem possuíam

forças para “ajudar a natureza”, de tão fracas que estavam, de trabalhar, de cozinhar, de mexer as panelas de comida, com o que subnutriam a si e aos filhos numerosos; e as que não eram casadas, as que “seu homem” vinha auxiliá-las, ajudá-las, no ato gestante, a botarem no mundo um serviçal?”

Em “Lua Sonâmbula”, mistura de poesia à moda clássica e modernista, publicado em 1953 pela gráfica Falângola Editora, volta o poeta a sua “neurose lunar”:

### LUA IRMÃ QUIMERA

A lua deve ser freira piedosa,  
que em rosário de estrelas, anda os claustros do Céu,  
a desfilar, compassiva, a oração silenciosa  
das almas comungantes sob o místico véu.

Vestida no hábito astral de Ordem do Plenilúnio,  
seu nome é irmã Quimera, a rondar todo o Azul,  
orando pelos Poetas, vendo o nosso infortúnio,  
com chagas luminares do Cruzeiro Sul...  
Seus passos, na via-láctea, de tão mansos e breves,  
são como asas de Arcanjos, palpantes e leves,  
são pétalas de luz desfolhando-se aos molhos...  
E traz-freira lunar — como as freiras terrenas,  
sempre contrita e boa, a ungir as nossas penas,  
lírios no coração, violetas nos olhos...

A palavra-tema “Lua” e suas derivadas “luar”, “lunar”, “lunarina”, “enluarada” e “lua-crescente” são utilizadas pelo vate 101 vezes, nos 39 poemas que compõem o livro.

Continuam também presentes, em seus belos versos, os companheiros operários...

“...e como os braços de tanatas irmãs-proletárias,  
afeitos a lidar com maquinismos e teares,  
também terminaste nos necrológicos sem leitores...”

e “Na solidão de uma noite tropical:”

“... O Poeta surge... e em passos pensativos  
procura os subúrbios proletários,  
onde as humildes palhoças  
tem apenas o chão da Lua Cheia...  
Quando regressa,  
traz a mensagem da pobreza conformada...”

No “Velho Sótão”, a serena revolta contra os homens que conspurcaram o seu ideal:

“Mestre Sótão inolvidado!  
Onde o sonho comum, a idéia Redentora  
que fermentavas no inconsciente socialista?  
O lírico proselitismo,  
seguindo Tolstói, Gorki, Engels,

Lenine, Karl Marx — que preparavam,  
que prometiam a Grande Aurora!  
Onde a felicidade coletiva  
que realmente anunciavam?

Que desencanto, Mestre Sótão!  
Toda essa inquietação, esse tumulto,  
de idealismos fracassados,  
deste-nos, em turbilhões de leituras  
visionárias, que agora,  
os próprios Homens conspurcaram!”

Porém em “Velha Barca” o derradeiro e mais importante poema do livro, o poeta vaticina, profético e confiante:

“Porém ó “Vila-Barca”, vem perto a tua Aurora!  
Os braços de teus homens e de todos os mais,  
estão se libertando das algemas servis...”

E tu, como outras “Vilas”, onde tudo é pobreza,  
que dormem sem ter ar respirável e humano,  
levantarás teu grito, entrarás para a luta,  
para reivindicares toda a grande tragédia,  
que viveram no mar os homens! A Velha Barca!...”

“Candunga” (prêmio do Governo do Estado) é a estréia de Bruno no romance, em 1954.

Em linguagem colorida e vigorosa, narra o drama de migração nordestina para a zona de estrada de ferro de Bragança; verdadeiro depoimento de forma romaneada, pois Bruno participou de importantes comissões designadas pelo governo interventorial, para os serviços nos setores migratórios.

Poeticamente descreve:

“arquejando e rangendo ferros, um olho varando a noite, o trem dá graças ao maquinista, quando estacionava, para receber lenha, tomar água, ou descarregar os retirantes. Expelindo jatos de vapor, mostra o longo cansaço da carreira”.

Verdade incontestável de ontem e, infelizmente, ainda de hoje, a espoliação do camponês pelo latifundiário, pelo capitalista e seus agentes, Bruno retrata em pinceladas seguras:

“João Portuga, Salomão Abdala, Minervino Piauí monopolizam toda a atividade comercial do povoado. O milho, o arroz, o feijão, a farinha, a fibra e o carvão, que saem dali, não tem outros donos senão eles.”

“A saúva é uma fatalidade que eles esperam, resignadamente, mas o intermediário trocador, parece que ainda é pior.”

E com tintas vivas vão aparecendo os personagens de sua história, personagens tão verdadeiros que se viajarmos por estas estradas, de imediato conheceremos os seus nomes:

“Um comissário de polícia, pouco letrado, representa a arbitrariedade e a ordem.”

Camponeses, completamente apassivados, dialogam, melancólicos:

— É isso mesmo compadre Cirilo... Caveis seis mês na rodage e o ganho foi todinho pra seu Minervino.

— Pió foi cum eu... Prá não andá nu, cum vergonha das filha moça, que também já andavo quaji cum as partes mostrando, pro modi só terem u'a muda de roupa, me incalacrei até os ôlho cum mardidoado do turco. Uns paninhos de nada custaro dez cargas de milho, cinco de farinha, nem sei quantos.”

Mas o herói do romance (encarnação de Bruno) doutrinava:

“Diga ao Gonzaga que tome conta do que é dele. A terra, o pão, o bem-estar cabe a vocês... Não há homens pobres! Existe uma partilha mal feita do que devia ser de todos. Um dia você compreenderá isso.”

O idealismo de Bruno não ficou restrito a uma divagação literária. Ele era também um homem de ação.

Em 1955, como membro da comissão estadual de “Campanha Nacional da Reforma Agrária” apresentou a tese intitulada “Em defesa da Economia” a qual acredita ter sido o embrião do necessário e elogiável programa posto em execução pela administração do Banco de Crédito da Amazônia: a instalação, em nossa região de uma rede de cooperativas de Crédito e de Consumo.

Já em 1947, em relatório ao Governo do Estado e ao diretor do Departamento de Finanças, o poeta apresentava minucioso trabalho sobre o estabelecimento de um plano cooperativista na região bragantina.

Sua criteriosa atuação à frente do Serviço de Assistência ao Cooperativismo, custou-lhe “amargas situações vexatórias”, conforme confessou Bruno em artigo publicado em “A Gleba Ilustrada”

Em sua correspondência particular há registros de sua revolta; em carta datada de 3 de dezembro de 1947 ao professor Fábio Furtado, Bruno desabafava:

“Quero agradecer as referências que foram feitas ao nosso Nunes Pereira, a meu respeito, a propósito do idealismo e da ação, em reabilitação do cooperativismo neste Estado, que tem sofrido todos os massacres dos aventureiros acobertados pela política.”

Vasta e profícua foi sua ação no campo cooperativista:

Em 1952 representou o Pará na 1ª Reunião de Chefes de Agências de Serviço de Economia Rural, onde atuou como secretário da comissão diretora e presidente da subcomissão do vale da Amazônia, apresentando vários trabalhos.

Fomentou a fundação de Clubes agrícolas em estabelecimentos escolares da capital e do interior.

Com sua experiência esteve presente na 3ª Concentração Ruralista, na capital do Piauí, em 1955.

Exerceu o cargo de secretário da Federação dos Pescadores do Pará, no triênio 52/55.

Representava em nosso Estado o “Centro Nacional de Estudos Cooperativistas”.

Organizou, dirigiu e ministrou ensinamentos no “Curso Prático de Cooperativismo” promovido pela Federação das Associações Rurais do Pará, onde exercia o cargo de assistente técnico.

Foi coordenador e professor do “Curso de Crédito Rural para a Amazônia, patrocinado pelo Banco de Crédito da Amazônia, em 1962.

Sua imutável preocupação pela felicidade do homem, a justa retribuição a seu trabalho e o honesto e racional aproveitamento da terra, incitavam Bruno a doutrinar, a descrever constantemente pelos jornais; “zona bragantina e o aparelhamento de suas rodovias”, “Invernadas e pecuaristas”, “Reflorestamento da Zona Bragantina” e “Necessidade da Educação Cooperativista na Amazônia”, são alguns dos artigos publicados pelo poeta.

Em 1957, prefaciado por Maria Brígido e Imprensa na Editora “A. Batista Fontenele”, do Ceará é lançado ao público o opúsculo “Poema para Fortaleza”, no qual, em 157 versos livres, o poeta compõe um hino de louvor para a capital alencarina.

“Boi-Bumbá” e “São Benedito da Praia”, ambas publicações da editora H. Barra, anos de 1958 e 1959, são notáveis contribuições do pranteado vate para o levantamento do folclore nacional.

“Boi-Bumbá” é um documento vivo e fiel do auto: movimento, comunicação emocional, riqueza e registros, pureza de informação. É modelar no plano da pesquisa; uma pesquisa direta e linda no meio do povo”; na opinião abalizada de Câmara Cascudo.

“É uma das melhores monografias sobre o assunto no Brasil”, escreve Téo Brandão.

“São Benedito da Praia”, foi lançado numa manhã de autógrafos, logo após a derrubada do mastro, no bar “Águia de Ouro”, onde a bebida servida resumiu-se em cachaça de Abaeté, limão da terra e peixe-frito, segundo registro no jornal “A Província do Pará”.

Além desses excelentes trabalhos folclóricos, valiosos são os subsídios deixados pelo escritor, alguns ainda inéditos e outros publicados em jornais e revistas:

“Mitos da Região Amazônica”, “Desafio e encontro de Bumbás” (escrito para o filme do acadêmico Líbero Luxardo), “A cozinha do extremo-norte-Pará e Amazonas” (elaborado especialmente para a “História da Alimentação do Brasil”, de Câmara Cascudo) — “Carimbó”, Aspectos folclóricos do Pará”, “Dístico em pára-choques de veículos”, “O Carnaval É Sempre O Mesmo”, “O Círio”, “O Flamboyant da Trindade”, “O Pau D'Arco do Jurunas”, “As Palmeiras de Mauriti” e

“Folclore Junino”, são importantes repositórios de informações, preciosa fonte de material para os estudiosos.

Jornalista profissional, secretário da Sociedade dos Amigos de Belém, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, do Instituto Brasileiro de Educação e Cultura, da Associação de História e Geografia de Belém, sócio correspondente da Academia de Letras de Ilhéus e sócio efetivo da Academia Paraense de Letras, Bruno era também um incorrigível lírico e boêmio.

“Na luta para não submergir (confessou Bruno a “Província do Pará” em 9.9.56) tive de deixar de lado certos preconceitos e não me envergonhar de ser eu mesmo. Ganhei com isto a cultura popular da simplicidade, virei anedotista, dei-me bem nas rodas conversadeiras, aprendi a apreciar bebidas nacionais e estrangeiras”.

Incontáveis anedotas faziam parte do repertório do artista e de, muitas, era ele o autêntico personagem.

Em 1960 completava o poeta quatro decênio de publicação de “Crucifixo”, quando a Academia de Letras de Ilhéus promoveu um concurso literário de âmbito nacional. O prêmio de Cr\$ 20 mil e uma placa de ouro, seriam concedidos ao poeta brasileiro que melhor compusesse onze sonetos com “as chaves” de ouro imaginadas por Guilherme de Almeida e publicadas em seu livro “Poesia Vária”.

O júri, do qual faziam parte Manoel Bandeira, Álvaro Moreira e Antônio Olinto, figuras exponenciais nas letras pátrias, concede o primeiro prêmio, entre cerca de 100 concorrentes, ao popular e querido aedo paraense Bruno de Menezes.

Era a consagração do seu talento e a festa comemorativa de seus 40 anos de atividades literárias, realizada na sede desta Academia a 6 de dezembro de 1960, constitui a coroa de louros do mavioso e extraordinário poeta.

Humildemente, antevendo seu próximo desaparecimento, Bruno declarou em seu discurso de agradecimento: “Nesse quase meio século de proletarismo com as letras, pude sentir a promissora expectativa de que não se alcança a glória sem os prognósticos da Morte”.

Criticar a obra de Bruno de Menezes, classificar a sua poesia, eu me confesso incapaz.

A minha atividade literária tem sido o escrever poemas, o amar as inesgotáveis belezas da Poesia, independentemente de formas, fórmulas ou escolas literárias; entretanto, exatamente neste particular, eu me sinto com capacidade para afirmar que Bruno de Menezes, a quem tenho a honra de suceder nesta Academia, foi, inegavelmente, um dos mais extraordinários poetas de nossa terra.

Sua polimorfa inteligência, o vigor de seu trabalho como poeta, romancista, folclorista, ensaísta, novelista, cronista e jornalista e sua multiforme atividade como intelectual, maçom, ativista sindical, dirigente cooperativista, o seu desapego às riquezas do mundo e seu imenso carinho pelas causas populares, tornaram-no um verdadeiro líder de sua geração.

Sua obra é imperecível, seu nome está gravado no coração da terra e do povo que tanto amou.

Bruno de Menezes é, verdadeiramente, imortal.

\* Pronunciamento realizado na Academia Paraense de Letras na sessão de 23.03.1988 em homenagem ao 95º aniversário de nascimento de Bruno de Menezes, publicado na Revista da Academia Paraense de Letras — Vol XXIX, 1988. Falângola Editora.

---

*Alonso Rocha é poeta e membro da Academia Paraense de Letras.*